

Os talentos desenvolvem-se! Etapas da seleção desportiva em andebol

Anna Volossovitch

Faculdade de Motricidade Humana, Universidade de Lisboa

Seleção desportiva. Vale a pena investir?

Desde o início do século XX a procura de explicações científicas para as performances excecionais e dos caminhos que levem à perfeição ocupa os especialistas em diversos campos da atividade humana - música, matemática, artes e, naturalmente, no desporto, um meio competitivo por excelência. Tradicionalmente, o elevado rendimento desportivo é justificado por dois fatores principais - pela qualidade do processo de treino a longo prazo e pela qualidade da matéria prima (Platonov, 1997). Considerando a identificação precoce de talento como uma das condições chave para alcançar a excelência desportiva, os clubes e federações desportivas continuam a investir recursos humanos e financeiros na tentativa de detetar os jovens promissores em idades cada vez mais baixas.

Todavia, as opiniões quanto aos benefícios da seleção desportiva não são unânimes. Por um lado, a tentativa de identificação precoce de talentos por vezes é vista como uma medida associada à procura prematura do rendimento que sobrevaloriza as suas determinantes biológicas e contraria os valores educativos do desporto infanto-juvenil (Alves, 2002). Por outro, a experiência de vários países que se destacaram no panorama desportivo internacional nas últimas décadas evidencia que o desenvolvimento de programas nacionais de seleção desportiva é crucial para o sucesso nas grandes competições internacionais. Os resultados apresentados na tabela 1 demonstram que uma ampla base de recrutamento e o elevado nível socioeconómico do país nem sempre representam uma condição *sine qua non* para excecionais prestações desportivas. Estes dados reforçam a ideia de que não é da quantidade que sai a qualidade e que a seleção desportiva deve ser encarada como um processo que visa não apenas identificar jovens promissores, mas também oferecer-lhes as melhores condições metodológicas, financeiras e sociais para desenvolver o seu potencial; condições que nem sempre podem ser oferecidas a um

extenso número de praticantes. Ao mesmo tempo as medidas de seleção desportiva podem facilitar a captação de praticantes para as modalidades menos populares e orientar os jovens na escolha da atividade adequada às suas capacidades, interesses e expectativas, o que certamente irá contribuir para a prática desportiva mais prolongada e a redução do abandono precoce. Se no caso do futebol o número de praticantes permite escolher os melhores entre os muitos pequenos aspirantes a futuras “estrelas” do relvado, em modalidades com menor projeção mediática os clubes têm de organizar as medidas de recrutamento, que para ser eficaz deve ser devidamente fundamentado do ponto de vista técnico e pedagógico.

Tabela 1. População dos países da União Europeia e total de medalhas ganhas pelos atletas nos Jogos Olímpicos de Pequim 2008 e Londres 2012

País	População,	JO 2008	JO 2012
Alemanha	82	41	44
Áustria	8,3	3	0
Bélgica	10,7	2	3
Bulgária	7,6	5	0
Chipre	0,8	0	1
Croácia	4, 398	5	6
Dinamarca	5,5	7	9
Eslováquia	5,4	6	4
Eslovénia	2	5	4
Espanha	45,8	19	17
Estónia	1,3	2	2
Finlândia	5,3	4	3
França	64,3	40	34
Grécia	11,2	4	2
Hungria	10	10	17
Irlanda	4,5	3	5
Itália	60	28	28
Letónia	2,3	5	5
Lituânia	3,3	3	2
Luxemburgo	0,5	0	0
Malta	0,4	0	0
Países Baixos	16,4	15	20
Polónia	38,1	10	10
Portugal	10,6	2	1
Reino Unido	61,7	47	65
República Checa	10,5	6	10
Roménia	21,5	8	9
Suécia	9,2	5	8

A multidimensionalidade do talento desportivo

Hereditário versus ambiental

É consensual que o talento desportivo pressupõe a presença de um dote especial que possibilite alcançar a alta competição. Sendo unanimemente reconhecido o carácter multidimensional da performance, é natural que o talento desportivo também representa um fenómeno complexo, influenciado por múltiplos factores (Reilly, Williams, Nevill, & Franks, 2000; Lidor, Falk, Arnon, Cohen, Segal, & Lander, 2005; Vaeyens, Lenoir, Williams, & Philippaerts, 2008). Esta complexidade é um dos maiores obstáculos com que se deparam os especialistas na avaliação do talento desportivo, principalmente nos desportos coletivos. A maioria dos modelos tradicionais de deteção de talentos valoriza, antes de mais, as características inatas dos jovens praticantes, considerando-as como a condição base de uma elevada prestação desportiva. De facto, as características ontogenéticas do indivíduo influenciam uma maior ou menor disponibilidade para determinada atividade. É o caso da altura no basquetebol, da composição muscular no atletismo ou natação, da capacidade de equilíbrio na ginástica, etc. Recentemente até a lateralidade e a relação entre o cumprimento do dedo indicador e anelar foram propostos como preditores do talento desportivo latente (Baker, Kungl, Pabst, Strauß, Busch, & Schorer, 2013; Manning & Taylor, 2001). Contudo, de acordo com estudos relativamente recentes, vem sendo acentuada a influência dos fatores ambientais na carreira dos atletas. É amplamente reconhecida a dificuldade de traçar o perfil do campeão partindo apenas das suas características hereditárias, pois, o menor ou maior dom numa determinada capacidade pode ser compensado (ou camuflado) por outras capacidades, pelo empenhamento no treino, pelo suporte social e familiar, pelo nível do desenvolvimento da modalidade no país, que por sua vez influencia a qualidade dos quadros competitivos e de apoio técnico. Nesta perspetiva Baker e Horton (2004) sugeriram dividir os fatores que influenciam a possibilidade de alcançar altos níveis de rendimento desportivo em dois grupos – fatores primários (genéticos, de treino e psicológicos) e secundários (socioculturais e contextuais).

É evidente que o dom para a prática desportiva não pode ser limitado aos factores morfológicos e fisiológicos. As características psicossociais constituem parte inalienável do talento desportivo e, por vezes, conseguem mesmo compensar as carências físicas ou morfológicas. Por isso é tão importante analisar a personalidade

do atleta, as suas motivações e interesses. Trata-se de uma medida que permite não só o diagnóstico precoce das características psíquicas e sociais do indivíduo, mas que também favorece o trabalho educativo de orientação dos interesses do jovem para a prática desportiva.

Vários estudos na área de psicologia do desporto, em que foram entrevistados atletas de elite, destacam o papel fundamental da família como suporte social, emocional e financeiro (Côté, 1999). É interessante que os estudos do sucesso desportivo dos filhos dos “campeões” demonstram que o passado desportivo dos pais favorece os resultados desportivos dos filhos. Este “favorecimento” não se deve apenas aos genes, mas sim aos hábitos, estilo de vida e valores dos progenitores que influenciam os resultados dos seus filhos atletas não menos do que uma “boa” composição genética.

Resumindo, o talento desportivo pode ser caracterizado como uma manifestação favorável de características e capacidades, que resulta da interação de factores inatos e ambientais, embora o grau de influência destes factores no resultado desportivo possa variar significativamente. Daí, ser indispensável, juntamente com a consideração dos traços do talento inato, analisar todo o conjunto de factores sociológicos, psicológicos e pedagógicos que beneficiam o desenvolvimento do potencial do jovem atleta. No caso do talento desportivo a genética e o envolvimento representam duas faces da mesma moeda. Os factores genéticos são essenciais, mas serão camuflados se as condições ambientais não forem favoráveis.

Geral versus específico

Na última década a pesquisa da perícia nos Jogos Desportivos Coletivos enfatiza que a avaliação dos jogadores adolescentes deve incluir, para além das variáveis antropométricas, físicas, fisiológicas e psicológicas, os indicadores do desempenho técnico-tático (Vaeyens, Malina, Janssens, Van Renterghem, Bourgois, Vrijens, et al., 2006; Reilly et al., 2000). Os testes físicos e biológicos utilizados na avaliação dos jovens são relativamente standardizados e não levantam grandes questões quanto à sua validade; mas o mesmo não pode ser afirmado em relação à sua pertinência para a avaliação específica dos jovens jogadores. De facto as características físicas e biológicas não podem ser utilizados como preditores fidedignos da performance em desportos coletivos, no mínimo, por duas razões: 1)

um excelente desempenho numa modalidade caracterizada por condições contextuais variáveis (como os jogos desportivos) não pode ser reduzida a um restrito conjunto de atributos e 2) a variabilidade das características antropométricas e físicas dos jovens púberes pode estar mais relacionada com o seu estado maturacional do que com a sua real aptidão (Pearson, Naughton, & Torode, 2006).

O elevado nível de rendimento nos jogos desportivos é resultado de diferentes combinações de características, capacidades e habilidades, onde o fraco desenvolvimento de uma capacidade pode ser compensado pelo nível mais elevado de outras. As combinações das habilidades e características que explicam o sucesso de um determinado jogador dificilmente poderiam ser generalizadas. Os jogadores de alta competição são excecionais e podem alcançar um elevado nível de rendimento por vias diferentes.

É comum avaliar o nível da preparação tática dos jovens em situações de apresentação das sequências de jogo em vídeo (Williams & Reilly, 2000), com recurso aos questionários auto-relatados (Elferink-Gemser, Visscher, Richart, & Lemmink, 2004) ou em tarefas fechadas que incluem drible, passe e receção ou remate (Figueiredo, Gonçalves, Silva, & Malina, 2009; Vaeyens, et al., 2006). O problema é que nenhuma destas avaliações reproduz o complexo e dinâmico contexto de jogo, criado pelas interações que se estabelecem entre os jogadores, parceiros e adversários. Por esta razão as situações mencionadas não podem ser consideradas como tarefas representativas para avaliação das habilidades específicas dos jogadores. Apesar deste problema ter sido discutido na literatura especializada (Burgess, & Naughton, 2010; Elferink-Gemser et al., 2004), os estudos recentes não apresentam propostas concretas de avaliação quantitativa dos jovens em cenários de jogo. A solução deve passar pela elaboração e validação dos sistemas de observação que, recorrendo aos indicadores qualitativos, permitirão diferenciar e quantificar a qualidade do desempenho individual dos praticantes em contexto do jogo reduzido ou formal.

Lacunas dos programas de deteção de talentos nos desportos coletivos

Apesar do contributo dos programas nacionais de deteção de talentos para a criação das melhores condições de acesso e formação desportiva dos jovens atletas de sucesso, os estudos recentes alertam para a insuficiente fundamentação científica e

algumas lacunas metodológicas destes programas (Burgess, & Naughton, 2010; Vaeyens et al., 2008). Entre os problemas mais frequentemente mencionados encontram-se:

- 1) a dificuldade (ou mesmo impossibilidade) de prever o sucesso com 10-12 anos de antecedência com base nos resultados demonstrados nos escalões de formação (Wolstencroft, 2002);
- 2) a fraca relação entre os indicadores de performance que levam ao sucesso nos escalões de formação e no desporto de alto rendimento (Pearson et al., 2006);
- 3) a não consideração do impacto maturacional no resultado dos testes utilizados na maioria das medidas de captação de talentos (Elferink-Gemser et al., 2004);
- 4) a implementação indiferenciada das mesmas baterias de testes para os atletas de grupos etários diferentes, o que não respeita a natureza dinâmica e não linear do desenvolvimento do talento desportivo (Phillips, Davids, Renshaw, & Portus, 2010);
- 5) o uso questionável de medidas estandardizadas, incapazes de caracterizar a interação entre diferentes capacidades e refletir a exceção e o caráter multidimensional do talento (Reilly et al., 2000; Vaeyens et al., 2006);
- 6) a dificuldade em avaliar as competências táticas e a “capacidade do jogo” através de tarefas fechadas e pouco representativas.

A investigação recente procurou colmatar os problemas mencionados, deslocando o foco de atenção da identificação para a adequada orientação e desenvolvimento do talento desportivo que deve ser entendido como um processo dinâmico e não linear (Williams, & Reilly, 2000; Phillips, et al., 2010). Esta perspetiva conduz à necessidade de avaliação dos jovens em diferentes fases do seu desenvolvimento desportivo (Elferink-Gemser, Visscher, & Mulder, 2007). Quer isto dizer que não é suficiente apenas comparar os atletas bem sucedidos numa determinada idade com os seus pares que demonstram resultados competitivos inferiores; é muito importante entender como as diferenças entre os melhores e menos bons se desenvolvem no tempo, desde o início da prática desportiva até às últimas etapas da preparação desportiva a longo prazo. A partir desta informação será possível identificar os fatores-chave que influenciam o resultado desportivo em diferentes idades e associá-los ao desenvolvimento da excelência desportiva na idade adulta (Lorenzo, & Sampaio, 2005). Naturalmente, isso obriga a abandonar a ideia de que a deteção de talentos pode ser entendida como uma medida-relâmpago e considerar a

seleção desportiva como um processo complexo e longitudinal que tem por objetivo a previsão sustentada e coerente da possibilidade de um praticante atingir um determinado nível de performance, fazendo parte integrante da preparação a longo prazo.

Da identificação ao desenvolvimento do talento desportivo. Etapas da seleção desportiva em andebol

Os escalões etários dos atletas representam geralmente o primeiro critério orientador para a organização da preparação desportiva a longo prazo. Associando os escalões etários de andebol de Portugal (tabela 2) às etapas de um dos mais populares modelos de preparação desportiva a longo prazo - *Long Term Athlete Development* (LTAD) (Balyi, & Hamilton, 2004) (tabela 3), sugerimos cinco etapas da seleção desportiva dos jogadores: seleção preliminar que corresponde ao escalão de bambis; prognóstica, no escalão de minis e infantis, orientada no escalão de iniciados e juvenis, especializada no escalão de juniores, e seleção de elite no escalão de seniores.

Tabela 2. Escalões etários de andebol em Portugal nas épocas de 2013-2014 a 2016-2017

	2013-2014		2014-2015		2015-2016		2016-2017	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Seniores	92	94	93	95	95	96	96	97
Juniores	93-94-95	95-96	94-95-96	96-97	96-97	97-98	97-98	98-99
Juvenis	96-97-98	97-98	97-98	98-99	98-99	99-00	99-00	00-01
Iniciados	99-00	99-00	99-00	99-00	00-01	01-02	01-02	02-03
Infantis	01-02	01-02	01-02	01-02	02-03	03-04	03-04	04-05
Minis	03-04	03-04	03-04	04-05	04-05	05-06	05-06	06-07
Bambis	05-06	05-06	05-06	06-07	06-07	07-08	07-08	08-09

Tabela 3. Etapas de seleção desportiva no andebol em função dos escalões etários e etapas de preparação desportiva a longo prazo

	Etapas de formação de	Etapas de seleção
Seniores	Treinar para vencer	De elite
Juniores	Treinar para competir	Especializada
Juvenis Iniciados	Treinar para treinar	Orientada
Infantis	Aprender a treinar	Prognóstica
Bambis	Fundamental	Preliminar

As primeiras duas etapas de seleção são as que geram mais controvérsia. Será que é pertinente falar da seleção quando alguns dos clubes sofrem de falta dos praticantes? Será que faz sentido, nas idades baixas tentar identificar as características chave, quando não há garantia que os jovens mais altos e hábeis nestas idades vão continuar a sê-lo quando chegarem à idade de juniores?

A resposta a estas questões não é unânime. Por exemplo, para as modalidades de especialização antecipada, como ginástica, acrobática, patinagem artística, onde o treino especializado começa em tenra idade e as exigências em relação ao perfil do praticante são bastante elevadas, as primeiras etapas da seleção são de primordial importância. Nos desportos coletivos estas etapas devem ser entendidas no sentido de assegurar a captação dos praticantes e orientar os jovens para a continuação da prática desportiva.

A cooperação entre o desporto escolar e desporto federado, devidamente pensada, planeada e organizada, podia dar uma boa ajuda na concretização das medidas de captação, no sentido de permitir a assegurar a sua abrangência.

Seleção preliminar

A melhor altura de iniciar a seleção preliminar no andebol é a idade entre os 8 e 11 anos, admitindo-se que algum atraso neste processo não implica consequências negativas. O grande objetivo desta etapa é ajudar a criança a escolher a modalidade adequada às suas capacidades e interesses, criação do gosto pela prática desportiva, fidelização do jovem à modalidade.

As qualidades do treinador que intervém nestas etapas assumem primordial importância. É errado pensar que no início do percurso desportivo é o treinador que

seleciona os jovens mais aptos; na realidade são os praticantes que escolhem (ou não) o seu treinador. E da capacidade deste de incentivar, entusiasmar e apoiar, em grande medida vai depender se os jovens ficam no clube, ou se vão escolher outra atividade, mais atraente e agradável.

No entanto, mesmo nestas circunstâncias, as avaliações iniciais são importantes. Entre os indicadores de avaliação aconselháveis para a utilização na 1ª etapa da seleção desportiva podem ser assinalados o estado de saúde, o somatotipo (dando preferência aos equilibrados mesomorfos ou ectomesomorfos (Srhoj, Marinović, & Rogulj, 2002), a disponibilidade motora geral e a motivação do jovem. A atitude da família em relação à prática desportiva também é relevante.

No início do percurso desportivo muitos dos erros na identificação de talentos verificam-se não por falta de métodos de diagnóstico, mas pelo seu uso inadequado. Quantas vezes os treinadores nas primeiras avaliações dos jovens dão preferência àqueles que aparentam ser mais aptos na modalidade, confundindo alguma experiência com a verdadeira aptidão que pode ser desenvolvida com o treino. Estes casos são nomeados como os dos “falsos positivos”. Por isso, nem sempre é aconselhável avaliar as aptidões do jovem através dos meios da “sua” modalidade. Ou seja, é preciso assegurar, que o “*saber fazer*” não oculte o verdadeiro talento, com potencial, mas que ainda “*não sabe*”.

Seleção prognóstica

O objetivo desta etapa consiste em confirmar a correspondência das características e capacidades do jovem às exigências da modalidade escolhida e também avaliar os ritmos de adaptação e aprendizagem. Para isso é necessário assegurar a prática contínua do andebol durante, pelo menos, um ano.

Os indicadores de avaliação da seleção prognóstica são semelhantes aos da 1ª etapa. A preferência deve ser dada aos indicadores inatos que são importantes para o sucesso no andebol de alto rendimento, mas pouco se modificam sob influência do treino, como altura, comprimentos dos membros, composição muscular e diâmetro biacromial. Mais concretamente pode ser aconselhada a avaliação das seguintes características morfológicas dos jogadores jovens:

- ✓ altura,
- ✓ altura sentado,

- ✓ peso,
- ✓ quarto pregas cutâneas (tríceps, subescapular, supra-ilíaca, panturrilha medial
- ✓ três diâmetros (biacromial, bicondíleo de humero, bicondíleo de fémur).

Para a avaliação das qualidades físicas pode ser sugerida a utilização dos testes de EUROFIT, entre os quais:

- ✓ teste de sentar e alcançar (flexibilidade),
- ✓ saltos em comprimento, vertical, com e sem contramovimento (força explosiva);
- ✓ a força de preensão manual (resistência estática),
- ✓ abdominais (força muscular abdominal e resistência),
- ✓ corrida vai-vem 10x5-m.

Os especialistas belgas (Mohamed, Vaeyens, Matthys, Multael, Lefevre, Lenoir, & Philippaerts, 2009) na identificação de talentos em andebol no escalão de sub-14 recomendam a utilização dos testes específicos (sprint vai-vem 5x10 m, teste de velocidade e agilidade em movimentos defensivos, teste de slalom em drible).

Nesta etapa de seleção a utilização dos testes de avaliação coloca o treinador perante a questão de saber se os jovens mais velozes, fortes ou ágeis aos 10-11 anos vão continuar a ultrapassar os seus colegas na idade dos 17-18 anos. As previsões de rendimento são estabelecidas com base nas correlações entre os valores das características observadas na idade infanto-juvenil e na de adulto. Para cada característica ou capacidade estes valores não são constantes ao longo do tempo, variando por isso o seu valor preditivo (Sobral, 1994). Por exemplo, em relação à altura, os indivíduos acima da média na pré-puberdade, têm uma probabilidade maior de manter esta diferença de altura quando adultos. A performance em velocidade de reação, capacidade de aceleração e resistência aeróbia apresenta a correlação mais elevada com os valores observados em adulto quando avaliada na idade entre os 10 e 13 anos, força rápida na idade entre os 12 e 13 anos e resistência anaeróbia entre os 13 e 16 anos de idade (Sobral, 1994).

Todavia, a identificação de alguns dos possíveis atributos do futuro sucesso desportivo do jovem nesta etapa não deve ser vista como critério de inclusão no

percurso para o alto rendimento (Burguess, & Naughton, 2010), mas sim como uma indicação que, sobretudo, deve orientar o treinador na organização do processo de treino, constituição da equipa e definição dos objetivos competitivos.

Seleção orientada

Talvez só a partir desta etapa da seleção faça sentido utilizar a expressão “talento”, devido ao aumento considerável do valor preditivo dos resultados demonstrados pelos praticantes. Nesta etapa os benefícios da investigação científica na revelação dos atletas mais capacitados já se tornam mais notórios (Lidor et al., 2005; Mohamed et al., 2009; Visnapuu, & Jürimäe, 2009).

Na etapa da seleção orientada procura-se verificar a correspondência das características do praticante às exigências específicas da atividade competitiva num determinado posto específico. A partir desta etapa é necessário começar a pensar nas medidas de promoção dos selecionados, visto que a sua evolução muito irá depender da qualidade do apoio técnico e metodológico.

A avaliação da maturidade biológica na etapa de seleção orientada ganha uma importância crucial, porque precisamente nas idades entre os 13 e 16 anos se verificam as maiores diferenças no desenvolvimento individual dos atletas. O nível das diferentes capacidades condicionais (principalmente da velocidade e da força), assim como de algumas das características morfo-funcionais, em jovens da mesma idade cronológica, varia bastante em função do seu desenvolvimento pubertário individual, o que naturalmente influencia os resultados desportivos. Assim, continuamos a perder, a eliminar os talentos de forma precoce, devido ao facto de se preferirem os atletas mais avançados na sua maturação. Torna-se importante evitar a sobrevalorização de atletas que aparentam uma idade biológica avançada, visto que frequentemente a forma de desenvolvimento retardada é mais promissora para a prática desportiva, já que proporciona melhores condições para o aumento progressivo das cargas de treino.

De acordo com os estudos recentes é nos escalões de sub-14, sub-15, sub-16 e sub-17 no andebol que se verifica o maior efeito da idade relativa nas seleções regionais e nacionais (Schorer, Wattie & Baker, 2013). Estes dados indicam que apenas alguns meses de diferença na idade cronológica podem influenciar significativamente as características antropométricas e as capacidades funcionais dos

jovens atletas. Fato que não pode deixar de ser considerado na divisão de escalões nos quadros competitivos, que sendo feita por idade cronológica, deve evitar que na mesma equipa joguem os jovens com diferença de idades superior a um ano. Por outro lado os próprios clubes deveriam procurar ajustar o processo de treino em função da idade biológica de cada atleta, independentemente da fase, avançada ou atrasada do seu desenvolvimento maturacional (Sá, Carvalho, Santos, & Abade, 2013).

Para avaliação das qualidades físicas gerais e específicas dos jogadores na etapa de seleção orientada podem ser utilizados os testes físicos e específicos aplicados na etapa anterior.

Particular importância deve ser atribuída nestas idades à avaliação da capacidade de jogo (o nível da preparação técnico-tática) em contextos específicos que incluam tarefas representativas de cooperação-oposição.

Seleção especializada

Na etapa de seleção especializada pretende-se comprovar a possibilidade do jogador atingir os resultados elevados, suportando as cargas físicas e psíquicas intensas de treino e de competição. De entre os indicadores de avaliação do nível de preparação física específica e técnico-tática, ganha acrescida importância a avaliação do perfil psicológico do jogador, nomeadamente a sua capacidade de lidar com as situações de stress, a concentração na tarefa (Cox, 2007), a capacidade de arriscar (Espar, 2010), o alto nível de motivação e autoconfiança e capacidade de liderança (Baker & Horton, 2004; Williams & Krane, 2001).

Seleção de elite

Como o próprio nome indica, a seleção de elite “abre a porta” para o desporto de alta competição e prevê a identificação dos jogadores com potencial para atingir o alto rendimento.

Os indicadores utilizados nesta etapa de seleção procuram avaliar o nível da preparação específica do praticante e o seu enquadramento na equipa. Nesta etapa, a avaliação das capacidades psíquicas individuais torna-se um dos aspetos mais importantes do processo da seleção. O desporto encerra exemplos sem conta de atletas que, não reunindo extraordinárias características morfo-funcionais,

alcançaram, todavia, grandes êxitos, graças a uma conjugação única das suas capacidades psíquicas, o que permitiu compensar as suas carências físicas ou morfológicas. A tolerância ao stress competitivo, concentração no objectivo e elevada autoestima são capacidades que caracterizam o perfil dos campeões (Paula Brito, 1996).

Comparando os indicadores de avaliação utilizados nas diferentes etapas da seleção desportiva, deve ser realçada a maior importância das características inatas no início da prática desportiva, ganhando as capacidades e competências adquiridas crescente relevância com o avanço da idade dos jogadores.

O ato de selecionar faz parte das tarefas do treinador, desde os mais baixos escalões de formação até à alta competição, começando pela especialização do praticante numa determinada disciplina ou posto específico e indo até à constituição das equipas para uma época ou para um jogo. E em cada situação concreta devem ser inicialmente estabelecidos os objetivos. Neste contexto é importante realçar que a seleção desportiva, entendida como um processo prolongado visa, em primeiro lugar, a obtenção de informação relevante sobre os jovens praticantes, para melhor planeamento, organização e controlo do treino, desde cedo respeitando as características biológicas e psicológicas dos jovens jogadores. Nesta perspetiva a ênfase deve ser colocada não tanto no reconhecimento, mas antes no desenvolvimento do potencial talento do jogador, e na avaliação da sua resposta ao treino e à competição ao longo dos anos.

Referências

- Alves, F. (2002). Desporto, saúde e educação. Em: *Alta competição. Uma cultura de exigência*. Alges: Confederação do Desporto de Portugal, 117-145.
- Baker, J., & Horton, S. (2004). A review of primary and secondary influences on sport expertise. *High Ability Studies*, 15 (2), 211-228.
- Baker, J., Kungl, A.M., Pabst, J., Strauß, B., Büsch D., & Schorer, J. (2013) Your fate is in your hands? Handedness, digit ratio (2D:4D), and selection to a national talent development system, *Laterality: Asymmetries of Body, Brain and Cognition*, 18 (6), 710-718.

- Balyi, I., & Hamilton, A. (2004). *Long-Term Athlete Development: trainability in childhood and adolescence. Windows of opportunity. Optimal trainability*. Victoria: National Coaching Institute British Columbia & Advanced Training and Performance Ltd.
- Burgess, D., & Naughton, G. (2010). Talent development in adolescent team sports: A Review. *International Journal of Sports Physiology and Performance*, 5, 103-116.
- Côté, J. (1999). The influence of the family in the development of talent in sport. *The sport psychologist*, 13 (4), 395-417.
- Cox, R., (2007). *Sport psychology : concepts and applications*. New York: McGraw-Hill.
- Elferink-Gemser, M., Visscher, C., Lemmink, K., & Mulder, T. (2007). Multidimensional performance characteristics and standard of performance in talented youth field hockey players: A longitudinal study. *Journal of Sports Sciences*, 25, 481-489.
- Elferink-Gemser, M., Visscher, C., Richart, H., & Lemmink, K. (2004). Development of the tactical skills inventory for sports. *Perceptual and Motor Skills*, 99, 883-895.
- Espar, X., (2010). *Jugar con el corazón*. Barcelona: Plataforma.
- Figueiredo, A., Gonçalves, C., Silva, M., & Malina, R. (2009). Characteristics of youth soccer players who drop out, persist or move up. *Journal of Sports Sciences*, 27, 883–891.
- Lidor, R., Falk, A., Arnon, M. Cohen, Y., Segal, G., & Lander, Y. (2005). Measurement of talent in team handball: The questionable use of motor and physical tests. *Journal of Strength and Conditioning Research*, 19 (2), 318-325.
- Lorenzo, A., & Sampaio, J. (2005). Reflexiones sobre los factores que pueden condicionar el desarrollo de los deportistas de alto nivel. *Apunts*, 80, 63-70.
- Manning, J. T., & Taylor, R. P. (2001). Second to fourth digit ratio and male ability in sport: Implications for sexual selection in humans. *Evolution and Human Behavior*, 22, 61-69.
- Mohamed, H., Vaeyens, R., Matthys, S., Multael, M., Lefevre, J., Lenoir, M., & Philippaerts, R. (2009). Anthropometric and performance measures for the development of a talent detection and identification model in youth handball, *Journal of Sports Sciences*, 27 (3), 257-266.

- Paula Brito, A. (1996). A psicologia do desporto e a seleção de talentos. *Horizonte*, VIII (73), 10-13.
- Pearson, D., Naughton, G., & Torode, M. (2006). Predictability of physiological testing and the role of maturation in talent identification for adolescent team sports. *Journal of Science and Medicine in Sport*, 9, 277-287.
- Phillips, E., Davids, K., Renshaw, I., & Portus, M. (2010). Expert performance in sport and the dynamics of talent development. *Sports Medicine*, 40, 271-283.
- Platonov, V. (1997). Princípios da preparação desportiva a longo prazo. *Treino Desportivo*, Julho, 14-23.
- Reilly, T., Williams, M., Nevil, A., & Franks, A. (2000). A multidisciplinary approach to talent identification in soccer. *Journal of Sport Sciences*, 18, 695-702.
- Sá, P., Carvalho, A., Santos, M., & Abade, E. (2013). Proposta de etapas de formação para o Andebol português do futuro: Formar com vista a "treinar para vencer".
http://andebolaveiro.net/php/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=983&Itemid=
- Schorer, J, Wattie, N., & Baker, J. (2013). A new dimension to relative age effects: constant year effects in German youth handball. *PLoS ONE* 8(4): e60336. doi:10.1371/journal.pone.0060336
- Sobral, F. (1994). *Desporto infanto-juvenil. Prontidão e talento*. Lisboa: Horizonte.
- Srhoj, V., Marinović, M. and Rogulj, N. (2002). Position specific morphological characteristics of top-level male handball players. *Collegium Antropologicum*, 26 (1), 219-227.
- Vaeyens, R., Lenoir, M., Williams, A., & Philippaerts, R. (2008). Talent identification and development programmes in sport. Current models and future directions. *Sports Medicine*, 38, 703-714.
- Vaeyens, R., Malina, R., Janssens, M., Van Renterghem, B., Bourgois, J., Vrijens, J., et al. (2006). A multidisciplinary selection model for youth soccer: The Ghent youth soccer project. *British Journal of Sports Medicine*, 40, 98-934.
- Visnapuu, M., & Jürimäe, T. (2009). Relations of anthropometric parameters with scores on basic and specific motor tasks in young handball. *Perceptual and Motor Skills*, 108, 670-676.

Williams, J. M. & Krane, V. (2001). Psychological characteristics of peak performance, in: J. M. Williams (Ed.) *Applied sport psychology: personal growth to peak performance* Mountain View: CA, Mayfield, 162–178.

Williams, M., & Reilly, T. (2000). Talent identification and development in soccer. *Journal of Sport Sciences*, 18, 657-667.

Wolstencroft, E. (ed.) (2002). *Talent identification and development: An academic review*. A report for SportScotland. Edinburgh: The University of Edinburgh.